

Quero ser John Malcovitch. Ou através do espelho e de suas fendas

Tania Rivera

Este ensaio toma o filme "Quero ser John Malcovitch" (Being John Malcovitch, dirigido por Spike Jonze), como um "portal", uma passagem que permite refletir sobre o trabalho psicanalítico. Este se caracteriza, à maneira do filme, como exploração de uma mobilidade entre "eu" e "outro", um trânsito sempre a se refazer e potencialmente transformador do eu. Às margens do caminho, surgem elaborações acerca do cinema e da Arte em suas relações com a psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise, John Malcovitch, cinema, arte

When looking at the film Being John Malcovitch (directed by Spike Jonze) as a "portal", this essay seeks to reflect on analytical work. This work is conceived as the exploration of mobility between "I" and the "other", an intermittent passage that can lead the 'I' into a transformation. Questions concerning the relations between Psychoanalysis, cinema and Art spring up alongside this critical path.

Key words: Psychoanalysis, John Malcovitch, cinema, art

“O Eu é um outro”, no célebre dito de Rimbaud. É ao pronunciar algo parecido que a obra de Freud se inaugura, com o tratamento das histéricas: existe uma “outra cena”, um “outro palco” onde se desenrola toda uma vida de fantasia

subtraída, até certo ponto, da consciência. Desta atividade inconsciente dá mostras o sintoma neurótico, sem dúvida, mas também o sonho, diz Freud há cem anos. Todo homem é um criador que goza, à noite, de seu cinema particular – enquanto dorme, cria suas inúmeras cenas das

quais ele é (o único) espectador e, ao mesmo tempo, todos os personagens – vistos, digamos assim, “de fora” ou “de dentro”. Os personagens do sonho se condensam e se cindem, alternadamente, ao sabor dos caprichos deste diretor de cena que é o sonhador – mas o sonhador ali onde ele não sonha, propriamente dizendo, mas é sonhado: no inconsciente. Eu é um outro.

O que Freud chamará de divisão do eu, esta denúncia de uma fratura no eu que a arte faz antes dele, a psicanálise não cessa de apontá-la, reabri-la, talvez até promovê-la. Ela gera, há mais de um século, “resistências”, na palavra de Freud, ela traz este sentimento de estranheza – uma estranheza do mesmo, do conhecido tornado estranho, que pode despertar um rápido rechaço por parte de muitos, mas não deixa de agir na cultura (vide suas influências sobre a arte deste século). A psicanálise não deixa de ser atuante, ainda que de maneira subterrânea, atuando em outra cena (na cena que é seu lugar: não este palco, não estas telas de projeção). A situação analítica, classicamente: divã, poltrona e convite a sonhar acordado, apresenta alguma semelhança, poderíamos pensar, com a situação cinematográfica. Ambas diriam: mova-se sem sair do lugar. Ou melhor: não saia do lugar, para melhor se pôr em movimento. O movimento, aqui, é modificação – uma “modificação” ou “alteração” do eu seria, para Freud, ao mesmo tempo o que estrutura o eu, e o que visa alcançar o trabalho analítico.

Mais do que um estado de coisas, o “Eu é um outro”, de Rimbaud, não indicaria justamente uma possibilidade de movimento (*kinêma*, em grego)? Do eu a outro, uma ligação se faz, não simplesmente ao se estabelecer um espelho onde o eu se vê, estaticamente, como um outro eu, mas sim ao se inaugurar um jogo entre um e outro onde o eu se vê eu-outro, em vias de transformação, nunca mais eu-mesmo.

Assim como John Malcovitch. Quem é John Malcovitch? Aquele ator, que fez o ladrão – ou sabe-se lá o quê – ele não é mais do que “o ator”, aquele que desliza como ninguém, imagina-se, neste fluxo do “ser outro”. Ladrão? Quem subtrai de quem um vivido, digo, um sonhado? O ator, fingidor que, como diz Fernando Pessoa sobre o poeta, fingiria tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente? Ou o espectador, que deveras fingiria ser o ator, sendo John Malcovitch, este que é sempre outro, ao ponto de dele subtrair o *eu*?

Sendo John Malcovitch, promove-se uma brincadeira entre o eu e o outro. O crítico Anthony Leong (*The Reel Site*) chega a aproximar este, que é o primeiro filme de Spike Jonze e tem roteiro assinado por Charlie Kaufman, do teatro do absurdo de Ionesco. Há um jogo constante onde por vezes domina a ironia, as situações mais dramáticas sendo colocadas entre aspas, sutilmente tornadas absurdas, dúbias (tornadas outras?), talvez porque a encenação se mostre, fi-

namente, como colocação em cena, numa espécie de autodenúncia ou zombaria de si mesma. Assim, o portal não toma ares místicos, mas se descreve como uma “lata metafísica de vermes”. Ou prevalece o cômico, a reação inesperada do outro me fazendo rir como para celebrar a alteridade, me devolvendo fugazmente a mim mesma através deste outro ridículo que eu não entendo (seria o caso de alguns diálogos com a secretária da *Lestercorp*). Mas não deixa de se fazer presente, nestas brincadeiras, um pano de fundo de estranheza, de estranha familiaridade. Numa súbita vacilação, o eu se vê transformado e conformado no outro. Que estreita, porém poderosa, passagem será esta, que me permite entrar e sair da sala de projeção do filme como quem atravessa um portal?

Esta mobilidade, este trânsito entre um e outro – que a psicanálise explora como transferência – parece essencial ao eu, ou melhor, talvez defina o eu e suas possibilidades. Octavio Paz (1982, p. 219) chega a dizer que “o traço distintivo do homem não consiste tanto em ser um ente de palavras quanto na sua possibilidade de ser ‘outro’”.

Sair deste jogo e mergulhar na “mesmidade” talvez seja como ver-se jogado em um mundo repleto de Malcovitchs, onde nenhuma palavra outra é possível, e o terror domina, como vimos no filme, na cena memorável em que o ator penetra seu próprio portal.

John Malcovitch, assim como Craig

(John Cusack) ou Lotte (Cameron Diaz), ou qualquer personagem, não sonha, propriamente dizendo, mas é sonhado. E se eu, espectador, tão real quanto John Malcovitch, não for mais do que um títere nas mãos de um diretor (de cinema, de vida) brincalhão ou cruel? Como Craig, talvez eu anseie manejar meus próprios fios, e me veja como um fantoche em mãos pouco amigas. Seria possível virar a mesa, através de John Malcovitch, e tornar-se titereiro, ter Craig em suas mãos?

“Você está vendo, Maxine, não se trata de brincar com bonecas...”, diz um Craig capaz de fazer John Malkovitch representar sua “Dança do Desespero e da Desilusão”. “Você tem razão, querido, é muito mais... É brincar com pessoas!” A questão pareceria, aí, se reduzir a uma espécie de luta entre Craig marionete/titereiro e John Malcovitch marionete/titereiro, se não houvesse Maxine a nos seduzir e, por sua vez, manipular. Esta mulher representa um núcleo, um ponto enigmático para onde tende a convergir o jogo entre eu e outro tanto do homem (Craig) quanto da própria mulher (Lotte). Maxine, nela mesma, parece por sua vez entreter uma duplicação, ela mesma enviando a uma outra sempre inatingível, fugidia (um pouco como o ator, finalmente: um pouco como John Malcovitch). Ela se presta, portanto, como nenhum outro, a encarnar este ponto de fuga em vista do qual tem lugar o que chamamos comumente – por que não? – o amor.

E o amor não indicaria um certo transporte, uma ligação que é um trânsito entre um e outro? No verso de Mário Quintana, “amar é mudar a alma de casa”. ■

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Artigo recebido em maio/2000

Revisão final recebida em novembro/2000

cep
Centro de Estudos Psicanalíticos

Direção: Ernesto Davidovich e
 Walkiria Del Picchia Zanoni

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Coordenação: Ernesto Davidovich e Walkiria Del Picchia Zanoni

Equipe docente: Adela Stoppel de Gueller, Antonio Carlos Farjani, Belinda Mandelbaum, Carlos Roberto Aricó, Cristina A. P. Franch Leite, Daniel Delouya, David Levy, Elisa Maria de Ulhoa Cintra, Eliseth Andrade de Oliveira, Ernesto Davidovich, Giovanna Bartucci, Graciela Haydée Barbero, Ignez Corrêa Dias, Ines Loureiro, Isabel Marazina, José Waldemar Tuma, Karin de Paula Slemenson, Luis Alberto Hanns, Maria Helena Fernandes, Mariana Schontag, Marisa A. Belém, Mauro P. Meiches, Monica Seincman, Patrícia V. Getlinger, Pedro L. Ribeiro de Santi, Rodolpho Ruffino, Rubens Coura, Sara Hassan, Thêmis Regina Winter, Walkiria Del Picchia Zanoni

Público Alvo: profissionais de nível superior da área de saúde

Duração: 6 semestres

Conteúdo Programático

CICLO I - Conceitos Fundamentais

CICLO II - A Formação do Sujeito

CICLO III - Estruturas Clínicas I

CICLO IV - Estruturas Clínicas II

CICLO V - Técnica Psicanalítica

CICLO VI - A Clínica Freudiana

Discussão Clínica: 1º ano: Procedimentos Clínicos; 2º ano: Grupo de Reflexão Clínica;
 3º ano: Supervisão

Obs: É obrigatório a participação do aluno em um evento, um curso breve e duas palestras e/ou debates por ano e a elaboração de um trabalho ao final de cada ciclo.

Horários: 3ª feira: 19:30 às 22:30h ou 5ª feira: 18:00 às 21:00h.

Requisitos: Duas entrevistas individuais com os diretores do CEP; Graduação; Curriculum vitae atualizado

Inscrições: de outubro a março e de abril a agosto

Início do Curso: 1º semestre: março (CICLO I) – 2º semestre: agosto (CICLO I)

Informações e inscrições: CEP – Rua Dr. Acácio Nogueira, 06 Pacaembu
 Tel: 3864-2330, 3865-0017 e 3676-1513
www.centropsicanalise.com.br